

Intervenção da Ministra da Cultura na Conferência Women@CISAC

Exmo. Senhor Diretor-Geral da Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores,

Exmo. Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores,

Exmas. e Exmos. Conferencistas e Convidados,

Bom dia a todos e boas-vindas a todos aqueles que aqui se deslocaram para participar nesta conferência. É sempre um privilégio podermos receber no nosso país estes fóruns de partilha de conhecimentos e experiências, mas muito em particular, é um privilégio o de poder abrir uma conferência dedicada a este tema, o qual aproveito para agradecer à organização. O meu sincero agradecimento à CISAC, à SPA e à Culturgest pelo convite e pelo acolhimento, que tanto me honra, quanto me empenha.

O debate que ao longo dos dias de hoje e amanhã terá lugar, deve ocupar uma centralidade inquestionável na agenda de qualquer pessoa com responsabilidade na definição e execução de políticas culturais, tanto a nível local, como nacional ou internacional. Mas a mim, muito pessoalmente, enquanto mulher que assumiu temporariamente esta tarefa de coordenar a área governamental da cultura, é um tema que me responsabiliza, me anima e com o qual me comprometo.

Promover a igualdade de género no setor da cultura e, muito em particular, nas indústrias criativas, é uma missão que enquadrámos tanto no conhecimento do passado e de uma memória que vale a pena transmitir, como face ao futuro, conferindo

visibilidade e reconhecimento às mulheres artistas, às mulheres criativas e à capacidade de imaginar e de concretizar no feminino.

Reconhecer o papel das mulheres na cultura não é só ter capacidade de memória, não é só história, é fazer justiça e ao mesmo tempo implementar uma importantíssima política pública. A criatividade no feminino preencheu e continua a preencher de nomes e de valorosas obras a nosso património cultural. Numa narrativa de séculos que pertenceu quase exclusivamente aos homens, nunca deixou de haver mulheres que construíram com a sua imaginação e arte a identidade cultural portuguesa. Cumpre-nos saber quem foram e recuperar o seu legado. Mas cumpre-nos igualmente compreender qual foi e porque lhes foi negado esse espaço. Uma história que não compreende que se esqueceu de alguns que a ajudaram a fazer é uma história que rapidamente voltará a esquecer.

A autoria, como muito bem sabem aqueles a quem hoje me dirijo, é um direito fundamental sem o qual a criatividade humana pouco significa. Mas a autoria foi e continua ainda a ser em muitos sítios um privilégio. Um privilégio historicamente negado, um privilégio a que tantas mulheres só puderam aceder no anonimato, na assinatura no masculino ou no risco permanente da perseguição. Um privilégio a que algumas só acederam nas vantagens sociais e económicas em que cresceram e a que muitas mais nunca conseguiram aceder. O passado é, neste caso, o exemplo do que não podemos continuar a querer e a fazer, mas ainda assim um exemplo que não se deve esquecer.

Ser capaz de não esquecer, é esse o elogio público que faço e o agradecimento que deixo à CISAC, pelo seu notável trabalho de análise social e de preparação de diretrizes e melhores práticas sobre igualdade de género. Os diversos estudos que, neste âmbito, têm promovido são fundamentais para compreendermos o passado recente e a atualidade, preparando o caminho em direção a um futuro melhor.

Não devemos ter receio de assumir que este é um processo complexo, dificultado pelos diversos fatores sociais e económicos que fazem persistir e serem diversos os espetros e as interligações das desigualdades de género. É igualmente complexa e sinuosa a capacidade de darmos uma resposta direta a estas questões e uma solução transversalmente eficaz a este problema. No entanto, há uma variedade de políticas públicas de curto, médio e longo prazo que podem levar uma profunda mudança formal e informal, institucional e individual:

- Envolver as instituições e as pessoas ligadas às indústrias culturais e criativas num diálogo construtivo e incentivar e premiar aquelas que sejam capazes de liderar e por prática no seu quotidiano e nos seus subsectores medidas de igualdade de género.
- Implementar uma lógica de paridade no âmbito dos apoios públicos da cultura e promover cada vez mais as atividades de programação dedicadas às criadoras e artistas portuguesas, seja de uma perspetiva histórica, seja de uma perspetiva contemporânea.
- Financiar e desenvolver programas e projetos culturais dedicados à igualdade de género, em especial aqueles que tenham impacto mais direto a nível local e regional (por exemplo, em casas de cultura) e que envolvam os principais participantes locais das indústrias culturais e criativas.

Usar a arte e as indústrias criativas para conversar com a sociedade sobre problemas e trabalhar para alcançar nossos objetivos, estes são compromissos que o Programa de Governo concebe como prioritários e prementes nas políticas públicas para a cultura.

Anima-me esta missão, mas anima-me particularmente saber que podemos contar com a CISAC e, em Portugal, com a SPA para que o futuro das mulheres criadoras não reproduza o passado. Esta conferência e o debate e as soluções que hoje e amanhã aqui serão discutidas é disso mesmo exemplo.

Tornar o processo criativo um espaço em que o género não faz diferença, é um trabalho que deve envolver todos, do Governo à sociedade civil, do público ao privado, das universidades às empresas.

Desejo, por isso, que este debate tenha continuidade, seja para lá do tempo desta conferência, seja na repetição continuada deste tipo de iniciativas. Mais uma vez, o meu agradecimento à CISAC e à SPA pela organização, à Culturgest por acolher este evento, e a todos os conferencistas pelo enriquecedor contributo que certamente iram partilhar com todos nós.

Muito obrigada.

Graça Fonseca

Lisboa, 4 de novembro